



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA**

RAQUEL SILVA ARAÚJO

O PROTAGONISMO FEMININO NO CANGAÇO DE LAMPIÃO (1930 – 1940)

**CAMPINA GRANDE
2019**

RAQUEL SILVA ARAÚJO

O PROTAGONISMO FEMININO NO CANGAÇO DE LAMPIÃO (1930 – 1940)

Trabalho de conclusão de Curso (Artigo) apresentado a coordenação/Departamento do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduanda em História.

Área de concentração: História Social

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Cristina de Aragão Araújo.

CAMPINA GRANDE

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A663p Araujo, Raquel Silva.
O protagonismo feminino no cangaço de Lampião (1930 – 1940) [manuscrito] / Raquel Silva Araujo. - 2019.
23 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araujo, Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. Cangaço. 2. Mulher. 3. Protagonismo feminino. 4. História social. I. Título

21. ed. CDD 303.484

RAQUEL SILVA ARAÚJO

O PROTAGONISMO FEMININO NO CANGAÇO DE LAMPIÃO (1930 – 1940)

Trabalho de conclusão de Curso (Artigo) apresentado a coordenação/Departamento do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduanda em História.

Aprovada em: 06/12/2019

Área de concentração: História Social

BANCA EXAMINADORA

Patricia Cristina de Aragão

Profª. Drª. Patrícia Cristina de Aragão Araújo. (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Robéria Nádia Araújo Nascimento

Profª. Drª. Robéria Nádia Araújo Nascimento

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Flávio Carreiro de Santana

Profª. Drª. Flávio Carreiro de Santana

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*As mulheres não foram apenas companheiras,
não foram apenas namoradas, amantes e esposas.
Elas eram também coparticipes.
Elas participaram ativamente da vida no Cangaço.
(Oleone Fontes)*

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 7 |
| 2 ANÁLISE DOS ESTUDOS HISTORIOGRÁFICOS SOBRE O MOVIMENTO DO CANGAÇO..... | 9 |
| 3 O PROTAGONISMO FEMININO NO CANGAÇO A PARTIR DOS ESTUDOS DE GÊNERO | 14 |
| 4 A MULHER NO CANGAÇO RETRATADA NA LITERATURA DE CORDEL | 18 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 20 |
| 6 REFERÊNCIAS..... | 21 |

O PROTAGONISMO FEMININO NO CANGAÇO DE LAMPIÃO (1930 – 1940)

¹Raquel Silva Araújo

RESUMO

O presente trabalho traz uma análise do silenciamento feminino na historiográfica sobre o movimento do Cangaço a partir da visibilidade dada ao homem no bando. Em decorrência disso o objetivo geral foi abordar a participação feminina no Cangaço entre os anos de 1930 à 1940, e a partir da fala destas mulheres demonstrar seu protagonismo. Esta pesquisa se situa no campo teórico da História Social e a partir dela trabalhou-se a mulher na luta dentro do bando. Os autores utilizados como base foram PERROT (1988) que discutiu a exclusão das mulheres no debate histórico em detrimento da figura masculina; RAGO (2012) articulou gênero e história dando ênfase a luta dos movimentos feministas na conquista de espaço e fala por parte das mulheres; OLIVEIRA (1996) trouxe um debate sobre a presença feminina no Cangaço demonstrando sua participação ativa e influência na dinâmica do bando; FACÓ (1991) que desenvolveu um estudo historiográfico sobre o Cangaço e sua representação diante da sociedade. A metodologia utilizada foi uma abordagem exploratória, pois utilizou-se critérios e métodos na elaboração desta pesquisa afim de desenvolver uma perspectiva interpretativa; a metodologia também foi descritiva tendo em vista que ocorreu a análise, registro e interpretação das fontes selecionadas. Esta abordagem foi necessária para trabalhar na análise de obras historiográficas, tendo como fontes o audiovisual e o cordel. Com base na perspectiva desenvolvida observou-se que o protagonismo feminino e seu empoderamento vem conquistando espaço na historiografia, dando a elas visibilidade como agente social e histórico. Este trabalho insere-se em uma renovação de temas e objetos históricos ocorrida nas últimas décadas, na qual passou-se a abarcar aspectos até então renegados. Diante disso esta pesquisa aponta o quanto as mulheres lutaram e resistiram ao preconceito e aos padrões imposto as mulheres da época, e que mesmo inserida em uma sociedade machista e patriarcal estas mulheres conseguiram fazer e movimentar a história.

Palavras-chave: Cangaço. Mulher. Protagonismo feminino. História Social.

ABSTRACT

The present work brings an analysis of the female silencing in the historiography about the Cangaço movement from the visibility given to the man in the band. As a result, the general objective was to approach female participation in Cangaço between 1930 and 1940, and from the speech of these women demonstrate its protagonism. This research is situated in the theoretical field of Social History and from it worked the woman in the fight within the pack. The authors used as a basis were PERROT (1988) who discussed the exclusion of women in the historical debate to the detriment of the male figure; RAGO (2012) articulated gender and history emphasizing the struggle of feminist movements in the conquest of space and speech by women; OLIVEIRA (1996) brought a debate about the female presence in Cangaço demonstrating their

¹ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB Email- rachel.12araujo@gmail.com

active participation and influence on the group dynamics; FACÓ (1991) who developed a historiographical study about the Cangaço and its representation before society. The methodology used was an exploratory approach, because criteria and methods were used in the elaboration of this research in order to develop an interpretative perspective; The methodology was also descriptive considering that the analysis, recording and interpretation of the selected sources occurred. This approach was necessary to work in the analysis of historiographic works, having as sources the audiovisual and the string. Based on the perspective developed, it was observed that female protagonism and its empowerment has been gaining ground in historiography, giving them visibility as a social and historical agent. This work is part of a renewal of historical themes and objects that has taken place in recent decades, which has now encompassed aspects that had previously been denied. Given this research shows how much women fought and resisted the prejudice and standards imposed on women of the time, and that even inserted in a chauvinistic and chauvinistic society these women managed to make and move history.

Keywords: Cangaço. Woman. Female protagonism. Social history.

1 INTRODUÇÃO

A presença da mulher no Cangaço sempre foi notabilizada a partir do lugar dos homens, tendo em vista isto tanto a historiografia, a literatura de cordel e a mídia documental abordavam a temática enaltecendo a figura do homem cangaceiro. A aparição da figura feminina se restringia a companheira amorosa, dedicada ao marido e a margem das lutas no bando. Partindo dessas preocupações nosso trabalho busca problematizar a presença da mulher no Cangaço notabilizando seu protagonismo social e histórico, dando relevância e contribuição a figura feminina nesse contexto da história do Brasil e do Nordeste.

Esta pesquisa tem por objetivo geral discutir a presença da mulher no Cangaço nordestino no período compreendido entre 1930-1940 a partir das representações relatadas por mulheres que faziam parte deste contexto. Partindo disso, será realizada uma abordagem crítica e reflexiva em torno de como ocorreu o ingresso delas no bando, apresentando também o cotidiano no Bioma Caatinga, sua atuação diante dos enfrentamentos com a volante e a sociedade local na tentativa de conciliar a vida árdua com a vaidade feminina. De forma mais específica buscamos apresentar como a literatura de cordel discute a mulher no cotidiano do bando; articulando o protagonismo feminino no Cangaço com os estudos de gênero.

Nosso percurso temporal se situa entre os anos de 1930 a 1940, período final do Cangaço e período de permanência delas no movimento. A escolha deste recorte se deve ao fato de buscarmos explorar a presença feminina e seu protagonismo no Cangaço.

O despertar do interesse pela temática se deu a partir da percepção do quanto à mulher foi por tanto tempo excluída do debate histórico, a colocaram subjugada a figura e ao discurso masculino, abordagem essa que também se fez presente nos estudos sobre o Cangaço nordestino. A escolha por abordar neste estudo e pesquisa a participação feminina no movimento social do cangaço, partiu também da compreensão de que o Cangaço está intimamente ligado a história do Nordeste e conseqüentemente com a história social e política brasileira, gestando práticas, ações e traços culturais que ultrapassaram décadas, consolidando-se como parte marcante da história nacional.

O Cangaço enquanto movimento tornou-se importante objeto de estudo por retratar um período histórico de instabilidade social, desigualdade, injustiças, secas e despreparo das instituições governamentais. Estes aspectos provocaram a insatisfação da população e fez com que algumas pessoas vissem no Cangaço um meio de resistência a ordem vigente do século XX, caracterizando o movimento como espaço de luta, sobrevivência e questão política.

Consideramos este estudo e pesquisa relevante para o campo da pesquisa em história sobre movimentos social e gênero, por abarcar aspectos até então renegados a história, isso se verifica nas discussões em torno do lugar social das mulheres no Cangaço, sua representação, seu protagonismo e importância no contexto desse movimento social. A iniciativa deste debate demonstra o quão à história e suas abordagens vêm se renovando e repensando novos temas e objetos de estudo.

Dentre estes aspectos podemos considerar que a renovação da pesquisa histórica trouxe um novo olhar para o Cangaço, olhar este que deu espaço de fala e atuação a mulher, evidenciando sua luta e protagonismo no bando. Desta forma, este estudo e pesquisa ganha relevância para a História a partir do momento em que busca ouvir as vozes dessas mulheres que por tanto tempo foram silenciadas pela historiografia e que, entretanto estavam contidas nas suas falas em documentários, na própria luta social e de sobrevivência no Cangaço, trazendo a tona à mulher enquanto agente histórico ativo, salientando sua influência e interferência direta no cotidiano do Cangaço.

Nossas discussões foram respaldadas a partir das obras historiográficas *História das Mulheres no Brasil* (DEL PRIORI, 2010), *Os excluídos da história* (PERROT, 2010), *Cangaceiros e fanáticos* (FACÓ, 1991), *O cangaceirismo no Nordeste* (OLIVEIRA, 1988),

Gênero e história (RAGO, 2012) e *Gênero, sexualidade e educação* (LOURO, 2010) são de suma importância para compreendermos na pesquisa proposta a participação das mulheres dentro do Cangaço e como a historiografia as apresentou.

O campo teórico do nosso estudo se situa no campo da História Social e a partir dela iremos trabalhar a participação feminina na luta dentro do Cangaço. Utilizamos como autora base Michelle Perrot (2010) que aborda como as mulheres foram excluídas do debate histórico, e como a figura masculina tornou-se protagonista na sociedade e na política. A partir da concepção de PERROT (2010) empreendemos uma análise sobre a exclusão feminina na história do movimento e o grande destaque que por muito tempo as pesquisas historiográficas versaram sobre o homem no Cangaço.

Justificamos a escolha destas fontes por entendermos que a literatura de cordel é significativa na compreensão dos estudos sobre a mulher no cangaço e no modo como no texto literário de cordel elas são representadas. Neste sentido, discutimos sobre a mulher no cangaço com base no cordel *A mulher e o Cangaço* (FANKA, 1997), *Maria – mulher macho, Sim, Senhor* (CAVALCANTE, 1983). Trabalhos também com os documentários que nos serviram para melhor compreender as falas e imagens sobre as mulheres que participaram do cangaço, para isso selecionamos os documentários *Sila documentário* (NOGUEIRA, 2018) e *Feminino Cangaço* (VIANA, 2016). Como método de pesquisa utilizamos uma abordagem exploratória, pois trabalhamos com critérios e métodos de elaboração a fim de desenvolver uma perspectiva de estudo; a metodologia também foi descritiva tendo em vista que ocorreu a análise, registro e interpretação das fontes selecionadas.

A sociedade brasileira se ergueu sobre o manto do patriarcado, em que a mulher não tinha direito sobre si, sobre seu corpo e nem espaço de fala. Este tipo de prática acentuou-se com o machismo que durante muito tempo invisibilizou o protagonismo feminino, colocando a mulher em segundo plano. Suas experiências e ações eram desconsideradas e a imagem feminina estava sempre atrelada à figura do pai ou do marido. Por causa disso, vários espaços e aspectos sociais foram renegados a elas, exemplo disso é a deficiência de uma abordagem que retrate seu protagonismo social.

A historiografia sobre as mulheres é muito recente, data dos anos 1970 em diante onde se desenvolveram estudos que versam sobre o feminino e que a partir disto novas fontes passaram a serem problematizados, novos objetos e novas temáticas históricas (RAGO, 2012). Seu cotidiano e ações tornaram-se palco de discussões e análises. No entanto muitas obras ainda pecam no tipo de perspectiva utilizada, e trazem a mulher em segundo plano ou interligada a figura masculina. Articulando suas práticas e comportamentos em padrões estereotipados. Por vezes a mulher tem sua história encoberta e reproduzida de preconceitos.

Sob essa perspectiva existem várias obras que retratam a mulher como boa esposa e responsável pelas atividades domésticas do bando, as excluindo e negando sua participação da dinâmica do grupo. Vale salientar que aos poucos isso vem alterando-se, pois nos anos finais do século XX iniciou-se uma abordagem mais crítica e renovada no campo da pesquisa historiográfica sobre o cotidiano feminino no Cangaço nordestino na década de 1930. No entanto esse campo de estudo ainda apresenta deficiências e carências.

Tendo em vista que no Curso Licenciatura Plena em História, Campus I, da Universidade Estadual da Paraíba já teve diversos trabalhos que versassem sobre o Cangaço, consideramos que este trabalho é de relevância para a pesquisa em História no campo social por trazer uma articulação entre gênero e movimento social a partir do Cangaço. Este estudo também tem relevância para a pesquisa em História na linha de Gênero, Sexualidade e Corpo. Diante dos estudos já realizados no curso de História sobre o Cangaço, houve a percepção da ausência feminina a partir de seu empoderamento e protagonismo, considerando isto se chama atenção para a necessidade de desenvolver um estudo que aborde este aspecto das mulheres no movimento do Cangaço.

Com base nisso, tornar-se importante analisar aspectos ainda pouco explorados na historiografia, a exemplo da interferência feminina no cotidiano do movimento. Esta pesquisa tem por objetivo apresentar e desenvolver uma análise crítica sobre essa temática, demonstrando que a presença delas modificou comportamentos dentro e fora do bando.

Reconhecendo suas experiências e práticas como importantes na dinâmica social do movimento, tornar-se fundamental atentar para o quanto a mulher lutou e luta para conseguir espaço e mostrar que suas práticas compõem e modificam de forma direta a sociedade. Essa perspectiva ganhou ainda mais atenção a partir da década de 1970, com a introdução de novas abordagens historiográficas (AZEVEDO; STAMATO, 2010) que deram início a uma abertura para discutir a história das mulheres escrita e pensada a partir delas, com seus anseios, opiniões e visões. Nada mais justo que a história delas, contada e feita por elas. E a partir disso fazer com que a sociedade reflita e compreenda que a mulher sempre esteve presente e influenciou o cotidiano social no qual está inserida.

Nas últimas décadas a pesquisa em História tem revelado novos temas e abordagens renovando também o tratamento com as fontes históricas e partir disso repensando debates e pesquisas, dentre este aspecto está incluso a história do Cangaço que vem dando espaço de discussão sobre o protagonismo feminino no movimento.

Abordar o protagonismo feminino no Cangaço de Lampião é ouvir as vozes de mulheres que por tanto tempo foram esquecidas e subjugadas ao discurso masculino. É também demonstrar sua luta, reação e resistência em romper barreiras e desconstruir paradigmas para adaptar o cotidiano aos seus interesses e práticas. Considerando essas questões, busca-se a partir desta discussão despertar em outras pessoas o interesse e curiosidade sobre o tema, fazendo com que esse tipo de análise se torne mais presente na historiografia brasileira.

Este estudo e pesquisa estão organizados em três momentos; o primeiro teceu uma discussão sobre o movimento do cangaço e os estudos historiográficos que versam sobre o tema. O segundo momento traz uma discussão que articula o protagonismo feminino no Cangaço com os estudos de gênero. O terceiro momento faz uma análise como a mulher é apresentada na literatura de cordel.

2 ANÁLISE DOS ESTUDOS HISTORIOGRÁFICOS SOBRE O MOVIMENTO DO CANGAÇO

O Cangaço foi um movimento surgido no final do século XIX se estendendo pelas primeiras décadas do século XX, agindo em todo o sertão nordestino. As causas de origem foram diversas: desigualdade social, fome, miséria, rivalidades entre famílias, a fragilidade das instituições e o analfabetismo. Junto disso ainda podemos citar a concentração de terra e poder nas mãos dos coronéis, como afirma FACÓ (1991, p.42) em *Cangaceiros e Fanáticos*, “o aparelho judiciário estava sob controle direto dos sobas locais, o juiz lhes era um dependente”. Esse sentimento de injustiça e abandono fez com que surgissem grupos infringentes da lei e contestadores da ordem vigente. Essa característica pode explicar o fato de os cangaceiros serem de origem humilde, do campo e analfabetos. “Os cangaceiros eram bandidos sociais que reagiram a situação de desigualdade e arbítrio prevaletentes no sertão, mas que se utilizavam das mesmas táticas dos coronéis, sobretudo a violência”(BRITO. 2016, p. 54).

Esse contexto propiciou o surgimento de grupos contrários à ordem dominante e ao Estado, buscando de alguma forma melhores condições de vida. Nesse ambiente, o Cangaço surgiu para muitos, como forma de contestação. De acordo com FACÓ (1991, p. 46) “o cangaceirismo representava um passo à frente para a emancipação dos pobres do campo.

Constituía um exemplo de insubmissão”. Para além deste aspecto, o Cangaço representou também força e coragem pois tratava-se de um grupo temido na região, que enfrentava coronéis e a volante. Esse tipo de prática também é discutido por OLIVEIRA (1988, p. 37) “ser cangaceiro para os garotos e rapazes daquela região era um fato de orgulho e coragem”. Diante disto observamos que grande parte dos nordestinos nutria verdadeira admiração pelo grupo, construindo assim a imagem do cangaceiro romântico, despertando o amor das jovens. Essa construção criada para o cangaceiro favoreceu também a imagem de que todas as mulheres que ingressaram na vida do Cangaço fossem por amor e que sua participação no movimento se limitou a companheira obediente.

Em razão disto observou-se que muitas mulheres entraram para o Cangaço não apenas por consequência de questões sociais ou de imposição, mas também por questões sentimentais. Em decorrência disso houve o aumento do número de mulheres no bando, e a participação delas tornou-se importante tanto para a luta direta com a volante e com os coronéis, como também na dinâmica interna do grupo. “Existia uma autonomia entre elas. Existia um grupo de mulheres que se reuniam para bordar, conversar, para falar sobre a vida” (VIANA, 2016).

O grupo de homens que percorriam a Caatinga nordestina amedrontando a população e criando um novo estilo de vida ficou conhecido como Cangaço, e seus integrantes eram denominados de cangaceiros. Segundo CHANDLER (1980) as palavras cangaceiro e cangaço surgiram por volta de 1830 fazendo referência a “canga” ou “cangalho” utilizado nos animais de tração. Relacionando esse conceito ao movimento Chandler associa o cangaceiro que sempre carregava seu rifle nas costas, assim como o animal carrega sua canga.

Muitos foram os cangaceiros existentes no Nordeste a partir do século XIX, no entanto o cangaceiro mais lembrado e tido como o grande representante atuou somente nos últimos vinte anos do movimento. Lampião tornou-se o mais famoso dos cangaceiros, OLIVEIRA (1988) acredita que isso se deu pelo longo período que permaneceu no bando e também pela proporção que a imprensa dava a seus atos de violência. A imagem de Lampião chegou a ser tão explorada pela imprensa que entre os anos de 1922 e 1938 era constantes reportagens sobre ele, tanto na esfera regional quanto nacional (CHANDLER 1980). Ainda segundo o autor “poucas vezes um bandido conseguiu captar o interesse da nação por tão longo período” (p.35)

Virgulino Ferreira da Silva, era filho de trabalhadores do campo, nasceu em 1897 em Serra Talhada /PE. Seu primeiro contato com cangaceiros foi em 1917 no Estado de Alagoas quando sua família fugia da perseguição de um coronel. Nesse mesmo ano seu pai é morto em uma emboscada da polícia alagoana e Virgulino promete vingar a morte do pai. Em 1918 ele entra para o bando de Sebastião Pereira, Sinhô. No entanto, é somente a partir de 1922, quando Sinhô abandona o Cangaço que Virgulino se torna o líder do movimento e ganha o apelido de Lampião e rei do Cangaço, como evidencia FACÓ (1991, p. 65) “aí começa a peregrinação de vinte anos daquele que seria depois conhecido como *Rei do Cangaço e Governador do Sertão*”.

A partir de 1930 inicia-se no Cangaço uma nova fase, o ingresso das mulheres, que vai configurar novos comportamentos e falas ao bando. A primeira delas foi Maria Gomes de Oliveira, Maria Bonita. Ela morava em Santa Brígida /BA e vivia um casamento conflituoso com Zé de Neném, por esse motivo visitava seus pais com frequência. Em 1929 ela conhece pessoalmente Lampião, que estava em descanso na fazenda do pai de Maria (VIANA, 2016). Ela, que por sua vez já nutria uma paixão pelo cangaceiro, fica ainda mais encantada e no ano seguinte decide partir com o bando pela Caatinga. Durante sua permanência no Cangaço Maria Bonita engravida apenas uma vez e ao nascer, o bebê é entregue aos cuidados de um fazendeiro amigo de Lampião. Maria Bonita, também era chamada dentro do bando de Maria de Lampião ou Dona Maria (VIANA, 2016), sua presença no movimento se estendeu até

1938, ano de sua morte no ataque a Gruta de Angico (Serra Redonda – SE). Nesse mesmo combate morrem Lampião e vários outros cangaceiros.

A historiografia brasileira apresenta a mulher no Cangaço sob várias perspectivas, MACÊDO (1972), por exemplo, enfatizou Maria Bonita como adúltera e valente que não se conformava com a passividade de seu primeiro marido e por isso teria decidido partir com Lampião. No Cangaço, segundo o autor ela mudou de comportamento e tornou-se a companheira dedicada:

Bebia pouco, moderadamente, o que agradava a Lampião. E estava sempre pronta a receber os carinhos do amante temido, nas rêdes e nas choças dos acampamentos perdidos pelas noites sertanejas, quentes e propícias aos prazeres remexidos e alvoroçados (MACÊDO. 1972, p. 252).

Contrariando essa abordagem CHANDLER (1980, p. 207) chama a atenção para a participação ativa da mulher no Cangaço. Segundo ele, Maria Bonita era a única pessoa que chegava perto de Lampião nos seus momentos de fúria, “e que ela conseguiu, muitas vezes, persuadi-lo a refrear a sua crueldade”. A chegada de Maria Bonita abriu portas para o ingresso de várias outras mulheres. De acordo com FACÓ (1991) o Cangaço tornou-se tão significativo que não foi pequeno o número delas na década de 30.

Ao contrário do que muitos pensam, nem todas as mulheres entraram no bando por vontade própria, como ocorreu com Maria Bonita. Para algumas se deu a partir de estupro e sequestro, a exemplo de Dadá e Sila. No entanto, isso é pouco mostrado, quase não há espaço de fala feminina no Cangaço. São vistas como coadjuvante e quando lembradas são apenas citadas como companheiras e obedientes. “A responsabilidade maior das mulheres era ser companheiras de seus homens” (CHANDLER, 1980. p. 204). Em contraponto a isso, vale salientar a vivência delas no movimento, desmistificando a entrada por amor ao cangaceiro e ao mesmo tempo mostrar de que maneira participaram ativamente das atividades cotidianas do bando.

Ao entrarem no bando, adquiriram respeito e foram consideradas cangaceiras e não simplesmente companheiras dos cangaceiros. Possuíam direitos iguais perante os homens no que concerne a divisão de tarefas dentro do grupo (Oliveira, 1996. p. 20)

Uma das mais famosas mulheres do Cangaço foi Ilda Ribeiro de Souza, conhecida no bando como Sila, morava em Poço Redondo /SE, era de família pobre e do campo. Perdeu os pais muito cedo e ficou sob cuidados do irmão mais velho. Em 1936 quando tinha 13 anos entrou para o Cangaço sequestrada por Zé Sereno. Sob esse episódio, OLIVEIRA (1996, p. 32) afirma:

O ingresso de Sila no Cangaço ocorreu mediante ameaça de Zé Sereno, devido ao terror que os cangaceiros exerciam sobre as pessoas. A mulher sertaneja, ao ser escolhida, não tinha outra alternativa senão ceder.

Sobre a permanência no Cangaço, Sila relatou em seu livro *Sila: memórias de guerra e paz* a vida árdua e sofrida que tinham, fazendo longas caminhadas, comendo e bebendo pouco e enfrentando a volante constantemente, “eu não tinha sequer um abrigo, um canto para dormir. Na chuva, no sol e no sereno, era tudo ao relento” (SOUZA. 1995, p.37). No que diz respeito à romantização e a idealização do bando, ela comenta que na prática não existiu, o cotidiano era desagradável e perigoso, e por parte dos cangaceiros não tinha demonstração de carinho.

Após o combate na Gruta de Angico, 1938, os cangaceiros sobreviventes tiveram que reinventar sua vida e história. O presidente da época, Getúlio Vargas, buscando extinguir a

presença deles na Caatinga e conseqüentemente por fim ao Cangaço, concedeu anistia aos cangaceiros que se entregassem a polícia. Dentre os anistiados estão Sila e Zé Sereno que se entregaram a polícia de Serra Negra – BA (OLIVEIRA, 1996).

A anistia representava uma nova forma de viver, mais tranquila e livre. Após isso, Sila e Zé Sereno seguem para Jequié – BA onde ficam trabalhando em uma fazenda (OLIVEIRA, 1996). Na década de 1970 chegam em São Paulo, onde passam a realizar diversos serviços para sobreviverem. Sobre a vida de Sila pós Cangaço, OLIVEIRA. (1996, p. 36) discorre que:

O recomeço de Sila foi marcado por muitas dificuldades econômicas e culturais. Exercendo as mais diversificadas funções, devido à necessidade de sobrevivência da família. O fato de ser nordestina e ex cangaceira fez com que sofresse preconceito das pessoas da cidade.

Partindo disso, percebe-se que Sila reinventou sua história e conseguiu superar todos os obstáculos existentes, tornando-se fonte viva da história do Cangaço, relatando sua vivência no bando ela contribuiu na escrita de *Gente de Lampião, Sila e Zé Sereno* (Antônio Amaury) e *Sila, uma cangaceira de Lampião* (Israel Araújo Orrico). Dessa forma ela colaborou para o reconhecimento da importância feminina no bando. Buscando evidenciar essa perspectiva, Sila passou a dar palestras em várias regiões do Brasil, realizou encontros e escreveu dois livros contando sua experiência no movimento, em 1995 publicou *Sila: memória de guerra e paz* e em 1997 lançou *Angico, eu sobrevivi*.

Eu não podia imaginar que aquilo tudo que passei no cangaço, naquele dia de tragédia de Angico, representava para o país uma parte de sua história. Até hoje para pesquisadores, estudiosos e escritores, são fatos considerados polêmicos (SOUZA, 1995. p. 88).

Outra mulher participante do grupo foi SÉrgia Maria Ribeiro da Silva, conhecida no bando como Dadá, também foi raptada. Corisco, a tira de casa e a leva com o bando, a estuprando na mesma noite. No movimento ela se destaca por sua coragem e agilidade, sendo a única mulher do bando a trocar tiros com a volante em vários combates. Com a morte de Lampião e Maria Bonita, em 1938 Dadá e Corisco assumiram o comando do bando até 1940, quando Corisco morreu e Dadá ficou sozinha para enfrentar a volante, sendo logo em seguida baleada e presa. Vale ressaltar que o movimento do Cangaço chegou ao fim tendo como última combatente uma mulher, Dadá.

Isso nos aponta o quanto à mulher teve participação fundamental no grupo, atuando expressivamente, criando estratégias de sobrevivência, modificando e construindo comportamentos. Considerando a atuação de Dadá nos anos finais do Cangaço enfatizamos a partir disso o protagonismo e autonomia feminina dentro do bando.

Outro caso interessante foi o de Maria Adília (SANTOS, 2007). Ela namorava sem a aprovação de seus pais, o cangaceiro Canário. Adília entra para o bando por dois motivos, por amor a Canário e buscando livrar-se da repressão do pai. Que a proibia de dançar, usar batom, arrumar o cabelo e frequentar a escola. De acordo com seu relato, depois que entrou no Cangaço teve a liberdade para seguir suas vontades e arrumar-se como quisesse. Partindo desse depoimento, percebe-se que a entrada da mulher ao Cangaço representava sua emancipação. No entanto, ela comenta ter se arrependido de tal atitude, devido a vida perigosa na Caatinga e das agressões que sofria de Canário. Isso fica claro na fala de Adília para o documentário *Feminino Cangaço*, “Logo eu encontrei um homem que só faltava me matar” (VIANA, 2016).

Este documentário tornar-se importante por conter uma reflexão crítica sobre o ingresso da mulher no bando, suas motivações e práticas diárias. Essa discussão é embasada

por historiadores e pesquisadores que buscam demonstrar a importância de compreender as mulheres na construção do movimento histórico do Cangaço. Desta forma o documentário tem como eixo problematizador a mulher como sujeito ativo no bando, demonstrando sua força e coragem para sobreviver na Caatinga nordestina e ao mesmo tempo desconstruir valores sociais impostos a mulher daquela época.

Além destas citadas, várias outras mulheres viveram no Cangaço e isso alterou o comportamento do bando e em parte a visão que a sociedade tinha do movimento. Adília comentou que chegou algumas vezes a pedir aos cangaceiros para não agir com tanta agressividade e não cometer assassinatos com sertanejos, segundo ela em alguns casos era atendida, (VIANA, 2016) “eu pedia que não matasse ele não, pedia minha gente pela Nossa Senhora não mate esse rapaz não”. OLIVEIRA (1996) também cita que a presença feminina evitou estupros e aparentemente criou uma relação mais familiar e pacífica com o mundo exterior.

A entrada de mulheres no Cangaço deu outra conotação ao bando, inclusive no modo como a sociedade nordestina da época as via. Tendo em vista isso se criou um sentimento de humanização e familiaridade do bando, no qual a mulher teve grande contribuição nas relações de compadrio, na sociabilidade interna e externa, e nos laços de amizade e familiar. Sobre este aspecto VIANA (2016) esclarece que a partir da entrada da mulher o bando era mais bem aceito nos povoados que visitavam, “quando entravam só os homens eles tinham mais receio, a partir das mulheres o bando entrava tranquilo e era aceito com mais tranquilidade pela população” (VIANA, 2016).

Dentre as diversas cangaceiras que integraram o bando de Lampião, cabe citar a peculiar história de Durvalina Gomes de Sá, conhecida como Durvinha. Ela entrou para o Cangaço por amor ao cangaceiro Virgínio Fortunato, mais conhecido por Moderno que morreu pouco tempo depois dessa união. Viúva, Durvinha casa-se com Moreno, Antônio Inácio da Silva. Em 1940 decidem deixar o Cangaço, trocam de identidade e passam a viver no anonimato, guardando em segredo o passado na Caatinga.

A história de Durvinha tornar-se interessante por mostrar a capacidade da mulher cangaceira de se reinventar e modificar seu cotidiano diante das situações que a vida impõe. Todas essas questões da vida de Durvinha durante e após o Cangaço são apresentadas e discutidas no documentário *Moreno e Durvinha – Sangue, amor e fuga no Cangaço* (SOUZA Jr. 2015). A história deste casal de cangaceiros também é tema de outro documentário, *Os últimos cangaceiros* (TV Brasil, 2016).

Durvinha nasceu em Paulo Afonso – BA em 1915. Conheceu o bando de Lampião em 1930, quando eles descansavam na fazenda vizinha a do seu pai. Apaixonou-se por Moderno e decidiu partir com ele pela Caatinga. O casal fica junto até 1936, quando Moderno é morto em combate com a volante. Viúva, Durvinha só tinha duas opções, continuava no Cangaço e unia-se a outro cangaceiro ou deixava o bando e corria o risco de ser presa pela polícia. Dentre estas opções, Durvinha juntou-se a Moreno (SOUZA Jr. 2015).

Sobreviveram ao ataque da Gruta de Angico em 1938 e permaneceram por dois anos caminhando entre Pernambuco e Alagoas. Com o Cangaço enfraquecido e temendo outro ataque vitorioso da volante, resolveram abandonar definitivamente a vida na Caatinga. Em 1940 partem para Minas Gerais, passando a se chamar Jovina Maria da Conceição e José Antônio Souto (VIANA, 2016).

Temendo serem castigados pelo passado no Cangaço, guardam este segredo por mais de setenta anos. Foi somente em 2005, após problemas de saúde que o casal decidiu revelar o passado. Durvinha faleceu em 2008, em Belo Horizonte, aos 98 anos vítima de AVC (Acidente Vascular Cerebral). Dois anos depois, Moreno também veio a falecer, aos 100 anos. Foram os últimos cangaceiros do bando de Lampião a morrerem (SOUZA Jr. 2015).

A entrada da mulher a partir de 1930 no Cangaço trouxe inovações entre as quais modificou o vestuário. São inseridos nas confecções das roupas variações de cores, incrustações de pedras, bordados e os bornais bem desenhados e elaborados. Dadá teve grande contribuição nesse quesito, considerada a figurinista do bando de Lampião. Houve a partir disso, um despertar da vaidade masculina no Cangaço.

A mulher cangaceira também não deixou sua vaidade e feminilidade de lado. Usavam lenços de seda, alianças, correntes de ouro, medalhões incrustados com rubis ou esmeraldas. Carregavam bornais, cantis, cartucheiras e armas. Embora não fosse cobrada sua participação ativa nos combates com a volante, todas as mulheres do bando sabiam atirar e andavam sempre armadas, para sua proteção pessoal em casos de imprevistos. Exemplo disso é a aparição de Durvinha no documentário de 1937, *Lampião, o rei do Cangaço*, nele Durvinha aparece sorrindo e segurando uma arma em posição de atirar. Este documentário é um registro de imagens feito pelo jornalista Benjamin Abrahão que conseguiu de Lampião a permissão para acompanhar o bando entre os anos de 1936 e 1937 registrando um pouco do cotidiano dos cangaceiros na Caatinga (ALBUQUERQUE, 2007).

Vale destacar que a mulher não entrou para o Cangaço para ser doméstica e levar uma vida comum, considerando que, não possuíam domicílio fixo. A função de cozinhar e cuidar dos feridos não era obrigatoriedade delas, cabia ao homem essa função. “Os cangaceiros eram quem cozinham” (SOUZA, 1995. p. 32). Também não cabia a mulher cangaceira o papel de mãe, crianças no bando era inadmissível, pois dificultava a locomoção e o choro do bebê denunciava a localização do grupo. Contudo, algumas mulheres engravidaram e após o nascimento davam a criança para pessoas conhecidas ou fazendeiros de confiança.

Diante disso percebe-se que a mulher cangaceira rompeu com paradigmas de seu tempo. Reinventou seu cotidiano e construiu sua imagem de acordo com suas ações e desejos. Ela saiu do estereótipo criado para a mulher do século XX e se posicionou em um novo cenário de inconstâncias e perigos. Afirmando o aspecto “revolucionário” dessas mulheres a partir da citação de Miridan Knox Falci em *História das mulheres no Brasil*, no qual as mulheres “eram treinadas para desempenhar o papel de mãe e as chamadas “prendas domésticas” – orientar os filhos, fazer ou mandar fazer a cozinha, costurar e bordar” (FALCI, 2010, p. 249). Essas características eram inexistentes na vida da mulher no bando. Seu cotidiano era um cotidiano a parte do universo considerado ideal para a mulher da época.

Por tanto, buscou-se mostrar a influência e o protagonismo feminino no Cangaço nordestino. O ingresso dessa mulher inaugurou um novo período no qual se altera o comportamento, a caracterização física e sua representação na sociedade nordestina. Desta forma, salientou-se para desconstrução da passividade feminina e a romantização ao movimento. Diante disso, só resta dizer que a mulher cangaceira “delimitou” um período e imprimiu sua marca na história do Cangaço.

3 O PROTAGONISMO FEMININO NO CANGAÇO A PARTIR DOS ESTUDOS DE GÊNERO

A mulher do século XIX e boa parte do século XX estiveram inseridas em uma sociedade preconceituosa e repressiva, que a colocava em um discurso de submissão diante da figura masculina. No que se refere às mulheres foco de nossa análise considera-se que elas romperam paradigmas vigentes na sociedade nordestina patriarcal e machista da época, tendo em vista que após seu ingresso no Cangaço passaram a conviver em um espaço até então masculino. Nesse contexto as mulheres tornaram-se reação e resistência. Este aspecto da mentalidade social da época foi reiterado pela medicina que apresentou o homem e a mulher com funções e qualidades biológicas totalmente distintas. Discorrendo sobre essa mentalidade PERROT (2010, p. 177) vai afirmar:

É um discurso naturalista, que insiste na existência de duas “espécies” com qualidades e aptidões particulares. Aos homens, o cérebro (muito mais importante do que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos.

Esta distinção entre os sexos criou à figura do homem destinado a vida pública, a política, enquanto a mulher foi sendo associada ao privado, a casa e aos filhos. A isso Hegel deu o nome de “vocação natural dos dois sexos” (PERROT, 1988). Essa abordagem enalteceu o homem e silenciou a mulher no processo histórico e social. Elas passaram a ter que seguir padrões de comportamento pessoal e familiar; serem recatadas, frágeis e dedicarem-se aos filhos, pois isto eram exigências da época para o perfil de “mulher ideal” (SOIHET, 2010).

O século XIX e parte do XX concentraram boa parte deste discurso, influenciado profundamente pela medicina a divisão entre os sexos criou uma sociedade excludente para a mulher, com restrição de tarefas e espaços. Estes aspectos também se fizeram presentes na historiografia, onde a voz e representação masculina ecoavam com maior ênfase. “O poder político é apanágio dos homens – e dos homens viris. Ademais, a ordem patriarcal deve reinar em tudo: na família e no Estado. É a lei do equilíbrio histórico” (PERROT, 2010. p. 175).

É somente a partir da segunda metade do século XX que se inicia um movimento de contestação desse discurso. A mulher começou a reivindicar direitos civis e políticos, o acesso as profissões intelectuais e a recusa a vocação materna (PERROT, 2010). Os movimentos feministas buscavam inserir a mulher em um novo contexto social e histórico que abordasse sua luta, autonomia e demonstrasse o quanto à participação feminina interfere e constrói a dinâmica social.

Em consonância com esse debate a *Nouvelle Histoire* a partir da década de 1960 vai diversificar os objetos de estudo e as abordagens historiográficas que passaram a debater sobre temas como família, sexualidade e as mentalidades (CUNHA, 2000). Essa expansão da História veio a corroborar com a luta feminista, dando visibilidade e um novo olhar sobre o universo feminino. Partindo disso esboçou-se sobre a história da mulher uma análise crítica e valorativa de suas ações e práticas.

O estudo e pesquisa aqui apresentado está inserido no campo da História Social e busca tecer uma análise articulando a participação feminina no Cangaço nordestino na década de 1930 com os estudos de gênero. Desta forma, é necessário uma contextualização para melhor compreendermos como a mulher é apresentada na historiografia, salientando para os movimentos feministas a partir da década de 1960 e a introdução de novos temas e abordagens no campo da pesquisa. Estes aspectos deram mais visibilidade à mulher, tornando-a objeto de estudo. Como leitura base nessa discussão foi utilizada PERROT (2010), RAGO (2012) e LOURO (2010) que versam estudos sobre gênero e história.

Durante longos anos a história apresentou-se através da voz masculina, era a história tida como oficial. Como afirma LOURO (2010, p. 50), uma História dos homens, sendo a história geral e oficial. Os movimentos contrários a isso iniciaram a partir do Sufrágio, luta por direito do voto feminino no início do século XX. Esse momento pode ser entendido como precursor do feminismo. Ainda de acordo com a autora esse debate ganha maior destaque no final da década de 1960, quando o feminismo passa a incluir questões sociais, políticas e teóricas.

Não se pode negar que mesmo excluída da escrita historiográfica as mulheres articularam práticas e resistências que modificaram a sociedade e criaram novos comportamentos. Segundo PINTO (2010) o movimento sufragista pode ser considerado como a primeira onda do feminismo, que reivindicava direitos políticos e civis.

O contexto social da primeira metade do século XX também vai contribuir para a conquista da mulher no espaço público, com seus maridos e filhos lutando na Segunda Guerra Mundial o trabalho nas fábricas, lojas e oficinas passaram ao comando feminino, provocando

o aumento da participação feminina no mercado de trabalho. A conquista da mulher no mercado de trabalho conduziu a outra conquista o direito à educação. Era preciso mulheres preparadas para adentrar ao mercado, considerando isto por volta da década de 1950 o número de mulheres estudando era quase equivalente ao dos homens (PINSKY, 2010).

Ainda de acordo com a autora a inserção da mulher no mercado de trabalho fez com que ela adquirisse novos comportamentos e ganhasse visibilidade social, como podemos ver a partir da escrita de PINSKY (2010, p. 624) “essa tendência demandou uma maior escolaridade feminina e provocou, sem dúvida, mudanças no status social das mulheres”.

A segunda onda do feminismo como pode denominar, surgiu a partir da década de 1960 influenciado profundamente pelo livro *Segundo Sexo* de Simone Beauvoir publicado pela primeira vez em 1949. Nele Beauvoir discute a mulher enquanto construção social (PINTO, 2010). A partir dos anos 1960 juntamente com outros movimentos de contestação (movimento hippie e as manifestações contra a Guerra do Vietnã) que a luta feminista ganha novo impulso, começando a falar abertamente sobre as relações de poder entre homens e mulheres.

As primeiras pesquisas relacionadas a mulher se desenvolveram a partir da década de 1960, correlacionadas com o advento da terceira fase da Escola dos Annales representada por Le Goff, Pierre Nora, Ladurie, entre outros (AZEVEDO; STAMATTO, 2010). Diante disso, ocorreu um rompimento com a história tradicional, as fontes foram revisitadas e passou-se a utilizar novos olhares que conduziram a escrita da História a diálogos mais amplos. Com a historiografia influenciada pela Escola dos Annales, os discursos e a representatividade de outros grupos sociais, além daqueles considerados dominantes, passaram a incorporar a escrita da história (ALBUQUERQUE JR. 2009).

Uma nova especialidade histórica nasceu contendo por objeto as mulheres, tornando-as sujeitos da história [...] A contribuição particular da história das mulheres foi a de reorientar o interesse pelas pessoas comuns do passado (TILLY, 1994, p. 34 – 35).

No que se refere ao advento da história das mulheres TILLY (1994) a caracteriza como fruto de um processo e movimento social intimamente ligado as transformações e ações surgidas a partir da década de 1970. Estes movimentos surgiram inicialmente nos Estados Unidos e Europa e logo repercutiram no Brasil, dando início a uma nova discussão que se fez presente no rádio, televisão e imprensa. Este debate foi embasado também pelas publicações de livros feministas (CUNHA, 2000) que trazem a mulher articulada com o meio social, dando novas interpretações e percepções a seu cotidiano, salientando para a resistência e autonomia feminina. A emergência de novos temas, de novos objetos e questões, especialmente ao longo da década de setenta deu maior visibilidade as mulheres enquanto agentes históricos (RAGO, 2012, p. 39).

A partir da luta de movimentos feministas iniciou-se um “enfraquecimento” do patriarcado. Neste aspecto intensificou-se nos anos 1980, quando ocorre a terceira onda do movimento feminista que implementa novas perspectivas, desestabilizando o conceito de patriarcado e constituindo um campo de pesquisa interligado a políticas que permitissem uma problematização da mulher enquanto sujeito histórico e social (PEDRO; PEREIRA; VENSON, 2017).

A inserção de temas feministas no campo da pesquisa provocou desestabilidade e rupturas, os conceitos já existentes tornaram-se insuficientes para abarcar um novo enfoque e interpretação sobre a mulher (RAGO, 2012), ou seja, a partir dos estudos feministas surgiu também a necessidade de criar novos conceitos, visões, abordagens e perspectivas. O grande desafio era tornar visível a mulher na história, demonstrando que seu cotidiano e suas práticas também compõem a sociedade

Em 1986 a historiadora Joan Scott publicou um artigo no qual apresentou o termo gênero como sendo constituído por relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, que se constituem no interior de relações de poder (PEDRO; PEREIRA; VENSON, 2017). Diante disso, o termo foi legitimado e integrado a acadêmica de maneira interdisciplinar para poder dar conta das reflexões teóricas que o estudo de gênero propõe. Complementando esse discurso RAGO afirma que:

Este quadro ampliou-se, posteriormente, com a explosão dos temas femininos da Nouvelle Histoire, como bruxaria, prostituição, loucura, aborto, parto, maternidade, saúde, sexualidade, a história das emoções e dos sentimentos, entre outros (RAGO, 2012. p. 39).

Entende-se que a mulher por certo período foi encoberta pela “superioridade” masculina e pelo preconceito. Para modificar este cenário é preciso identificar e superar as formas de silenciamento e opressão feminina (LOURO, 2010). Compreendendo essa perspectiva e tentando desconstruí-la delimitamos uma análise sobre a relação do Cangaço com as mulheres que participaram dele na década de 1930, aspecto este tão renegado a mulher.

Foi a partir da luta de movimentos feministas que proporcionou uma “revisão” na abordagem e discussão sobre as ações femininas e sua interferência para o meio social. Com isso, reconhecendo esta inclusão cabe desenvolver uma perspectiva sobre a mulher no Cangaço para além da visão estereotipada de coadjuvante.

O perfil criado para a mulher perpetuou-se e afetou de maneira perigosa a escrita sobre elas, as excluindo de diversos outros aspectos sociais. PEDRO (2010) ressaltou que muitas dessas mulheres têm sido anônimas para a historiografia, sendo somente nos últimos anos que as pesquisas começaram a dar visibilidade ao feminino. LIMA (2016) vai corroborar com essa afirmação, ela apresenta a mulher cangaceira como dona de sua própria história e participante ativa no cotidiano do Cangaço. Dessa forma ela destaca que:

A participação no Cangaço as empoderou, pois pegaram em armas, lideram ao lado dos companheiros, constituíram outro modelo de família [...] observou-se que a entrada das mulheres e sua permanência no Cangaço romperam com alguns aspectos dessa estrutura arcaica (LIMA, 2016. p. 95).

Buscando pensar a mulher enquanto protagonista de sua história no bando, OLIVEIRA (1988) salienta que a entrada da mulher no movimento trouxe diversas modificações aos costumes dos cangaceiros. Segundo ela houve a diminuição da violência sexual contra as mulheres, a alteração do vestuário e a realização de festejos com mais frequência a partir do ingresso delas.

Evidenciando a atuação feminina no Cangaço, OLIVEIRA (1988) dar ênfase a figura de Dadá, Sérgia Maria Ribeiro da Silva, que de acordo com a autora, na época tornou-se conhecida em todo o Nordeste, chegando a ser mais respeitada e temida que outros cangaceiros. No entanto, cabe enfatizar que Oliveira em sua obra dedica poucas páginas para discutir a mulher. Além de citá-las esporadicamente em sua escrita, a discussão se aprofunda um pouco quando se refere ao amor no Cangaço e os anos finais do movimento, quando Dadá passa com frequência a trocar tiros com a volante.

Nas últimas décadas a abordagem e discussão sobre da mulher vem sendo mais bem incorporada a escrita historiográfica. No entanto, como podemos ver em OLIVEIRA (1988) ainda existe uma idealização de sua imagem, a partir do momento que relaciona a mulher com o lado sentimental e romântico do Cangaço. No que se refere ao destaque dado a Dadá, ele vem vinculado a história de Corisco, seu marido, que no desenrola de um capítulo dedicado ao cangaceiro, Dadá é citada em alguns trechos.

Retomando a fala de PEDRO (2010) sobre o anonimato da mulher na historiografia, podemos citar a obra de FACÓ (1991) como exemplo. Nela as mulheres cangaceiras têm seus nomes apenas citados, sem nenhuma abordagem específica ou esclarecimento sobre a atuação delas no bando. Confirmando essa perspectiva Britto problematiza que:

Quando lembradas, as mulheres não receberam a mesma avaliação dispensada aos homens e seus nomes foram apenas citados entre uma exaustiva enumeração de autores, cortesia que reforça a ideia de excepcionalidade a uma regra masculina. Estas são questões que podem ser visualizadas nos estudos sobre o cangaço, cuja fortuna crítica ainda apresenta poucos trabalhos que examinam mais detidamente esse protagonismo (BRITTO. 2016. p. 55).

Seguindo a perspectiva preconceituosa de abordar o feminino no Cangaço, SILVA (2010) vai apresentá-las como boas serviçais, amantes e esposas. Complementando esse discurso, OLIVEIRA (1996) afirma que a maior contribuição feminina se deu na confecção do vestuário do bando. Esse tipo de análise encobre a participação ativa e o protagonismo da mulher no movimento, negligenciando sua história de luta, superação e autonomia diante do cangaceiro. Vale destacar que essas funções atribuídas a mulher estavam envoltas na mentalidade social. Segundo FALCI (2010) a educação feminina da época incluía também ensinamentos para ter comportamento moderado, sutil e a valorização da vida matrimonial; formando assim o “padrão de esposa ideal”.

A partir da discussão dessas obras, percebem-se duas vertentes trabalhadas quando se refere ao ingresso feminino no Cangaço. Algumas obras a encaixam no perfil idealizado para a mulher, como FALCI (2010) explica, a elas foram impostos comportamentos, posturas e atitudes. Dessa forma a participação delas no bando é apresentada de maneira coadjuvante, elas seriam a companheira dedicada às funções domésticas e obedientes ao marido, se abstendo ao cotidiano de luta do Cangaço.

Por outro lado, mostrando a inserção da mulher na história, LIMA (2016) e OLIVEIRA (1988) discutem a mulher no contexto ativo do Cangaço, as colocando como participantes importantes na dinâmica do grupo. É interessante observar que essas abordagens se constituem como reflexo social, por muito tempo elas foram limitadas a um padrão subjugado ao homem e apresentadas em segundo plano. A “revisão” historiográfica que veio a ocorrer nas últimas décadas trouxe à tona a mulher dona de sua história e atuante no contexto social no qual está inserida.

4 A MULHER NO CANGAÇO RETRATADA NA LITERATURA DE CORDEL

Trabalhar com a mulher no Cangaço incide em visibilizar a importância delas como agentes que lutaram, reagiram ao preconceito e discriminação de seu tempo e influenciaram a dinâmica do grupo. Objetivando apresentar a história destas mulheres, nesta seção discutiremos seu protagonismo no Cangaço a partir da literatura de cordel, atentando para a forma como o cordel situa as mulheres e as apresenta.

A literatura de cordel consiste em um importante transmissor cultural que permeia o imaginário nordestino apresentando aspectos sociais e históricos de um povo, assim como a história do Cangaço, o cordel está intrínseco na cultura regional. Com base nisso empreendemos um estudo vinculando estes dois aspectos de suma importância cultural para a sociedade nordestina.

Considerando que o cordel exprime o imaginário popular, percebem-se em suas estrofes histórias cotidianas que retratam a vida de maneira poética. É a partir deste aspecto que surgiu a necessidade de analisar a mulher inserida no grupo de Lampião a partir de sua representação no imaginário, considerando sua autonomia, protagonismo e luta em um grupo de predominância masculina.

Para desenvolvermos esta perspectiva trabalhamos com o cordel *A mulher e o Cangaço* (FANKA, 1997) que retrata a mulher como participante ativa e influenciadora no cotidiano do bando, salientando sua contribuição nos momentos de luta e na sobrevivência do grupo. O diferencial deste cordel é justamente a abordagem valorativa e empoderada realizada sobre o universo feminino no Cangaço. Outro cordelista que construiu uma abordagem semelhante foi CAVALCANTE (1983) no cordel *Maria Bonita – mulher macho, sim, senhor*. Ele discutiu a mulher no bando para além da representação de coadjuvante. Neste cordel o autor chama atenção para a atuação das mulheres nos confrontos, no uso de armamento e interferência direta nas decisões do bando.

Os cordéis analisados neste estudo fazem parte de uma abordagem renovada e recente sobre as mulheres na história, renovação esta que começou a ser viabilizada a partir da década de 1970 com a introdução de novos problemas e objetos históricos (PINTO; ALVAREZ, 2014) que deram grande contribuição no desenvolvimento de uma história valorativa sobre o universo feminino.

Seguindo este tipo de abordagem Fanka (1997), vai salientar as mudanças comportamentais surgidas a partir do ingresso das mulheres no movimento. Percebe-se com clareza em suas estrofes o intuito de retratar uma mulher influente e ativa, lutando, tendo voz e construindo sua história a partir de suas ações e protagonismo. Sobre este aspecto Fanka (1997, p. 1) apresenta que:

Da história do cangaço
Muito tem pra se saber:
Enfeite e bala de aço,
Conhaque para beber.
A mulher participando,
Sugerindo nesse bando
Outro jeito de viver.

No que se refere às mudanças relacionadas ao ingresso das mulheres no bando considera-se que uma delas foi à alteração da relação Cangaço e sociedade, criando uma representação familiar e humanizada do movimento. Este aspecto no qual OLIVEIRA (1996) destacou também é discutido no cordel de FANKA (1997, p. 1):

Violência era o lema
Desse bando no sertão,
Porém, para este tema,
Houve uma amenização
Com força feminina
Ingressando, de menina,
Mudando essa visão.

Outro aspecto renegado a mulher no Cangaço e que vale ser ressaltado neste estudo é sua participação direta nos confrontos com a volante e com a sociedade. Algumas obras historiográficas apontam que nesses momentos as mulheres eram separadas do bando até o término do embate. No entanto, nosso trabalho visa justamente desmistificar a passividade na qual a mulher é colocada, demonstrando que elas tinham armas, sabiam atirar e participavam sim da luta direta no Cangaço.

Essa perspectiva pode ser reiterada no documentário de ALBUQUERQUE (2007) onde Durvinha aparece segurando uma arma em posição de atirar. No documentário de VIANA (2016) esse protagonismo feminino também é discutido, a figura de Dadá aparece relacionada a vários confrontos, inclusive em 1940 quando o movimento do Cangaço chega ao fim e Dadá é apontada como a última combatente do grupo.

Buscando analisar essa perspectiva em outras fontes historiográficas destacamos o cordel de CAVALCANTE (1983, p. 7) que apresenta uma mulher temida, autônoma e ativa nos embates.

Maria Bonita era
Mulher macho, sim, senhor,
Porque na hora da luta
Era a fera do terror,
Era a cobra caianana
Ou a tigre sussuarana
Que todos tinham pavor.

Nota-se que o autor faz referência a Maria Bonita como brava e guerreira, no entanto essa descrição pode ser estendida a outras mulheres participantes do bando, tendo em vista que todas tinham armas e podiam participar dos confrontos. Nesse ponto vale salientar para o documentário de VIANA (2016) onde Dadá é descrita pelo historiador Frederico Pernambucano de Mello como uma mulher temida no bando de Lampião, que tinha vários desentendimentos com os demais cangaceiros e que chegou a ser conhecida em todo o Nordeste pela sua bravura e coragem. Reafirmando esse protagonismo feminino CAVALCANTE (1983, p. 6) declara:

Cinco soldados ficaram
Sem vida naquele dia.
Um morto por Labareda
E os outros dois por Maria.
Lampião dois alvejou
Porém nenhum não matou
Do jeito que ele queria.

A partir da análise historiográfica destes cordéis; possibilitada pela ampliação das fontes e objetos históricos proporcionadas pela Escola dos Annales (AZEVEDO; STAMATTO, 2010), percebemos uma renovação de temas. Fruto desta mudança está o desenvolvimento e reconhecimento de uma história das mulheres que ouça suas vozes e as empoderem.

A escolha dos cordéis analisados se deu a partir da semelhança na abordagem realizada por eles que reiteram a proposta deste estudo e pesquisa. Assim como o cordel de FANKA (1997) e CAVALCANTE (1983) buscamos explorar o feminino no Cangaço a partir de seu protagonismo, de sua luta, resistência e atuação direta no cotidiano do movimento. Objetivamos demonstrar por meio desta abordagem a mulher como sujeito social e histórico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ampliação dos objetos historiográficos ocorrida nos últimos anos trouxe a discussão e análise de temas discriminados socialmente. Inserida nesse contexto a história das mulheres recebeu grande contribuição, pois se desenvolveu sob um olhar empoderado a partir das ações femininas. Elas lutaram, conquistaram e valorizaram seu espaço de fala e atuação.

O estudo e pesquisa apresentado buscou justamente chamar atenção para estes aspectos; a renovação das abordagens historiográficas e o reconhecimento social e histórico conquistado pelas mulheres. Com base nisso compreendemos que este trabalho tem grande relevância por ter construído uma perspectiva historiográfica em que protagoniza a mulher no Cangaço entre as décadas de 1930 – 1940. A discussão realizada representa uma abertura a novos campos de análise sobre o movimento a partir da resistência, luta e autonomia feminina.

Para além da contribuição na área acadêmica esta pesquisa visou também a esfera social, trazendo a tona estas mulheres que resistiram, enfrentaram preconceitos e quebraram paradigmas. Vale ressaltar que a luta feminina vai muito além do grupo de Lampião, ela refletiu uma aspiração social almejada pela mulher. Inserida em um meio machista e opressor esta mulher rompeu barreiras e ergueu-se sendo seu próprio ponto de equilíbrio.

Protagonizar a mulher no Cangaço incide em protagonizar também a mulher fora dele, pois pretendemos focalizar a mulher como participante social ativa dona de sua história e influente direta em seu meio de convívio. A partir desta análise sobre a participação feminina no Cangaço buscou-se visibilizar todas as mulheres silenciadas, que, no entanto constroem e transformam aspectos sociais, que lutam e resistem à opressão.

6 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Ricardo. (Org). **Lampião, o rei do Cangaço**. Cinemateca Brasileira. 2007. Acesso: 13 Junho de 2019. Disponível em: <<https://youtu.be/ijh2cq>>.

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz. **A dimensão retórica da historiografia**. São Paulo: Editora Contexto. 2009.

AZEVEDO, Crislane Barbosa; STAMATO, Maria Inês Sucupira. **Teoria historiográfica e prática pedagógica: as correntes de pensamento que influenciaram o ensino de história no Brasil**. Antítese, Vol. 3, n. 6, jul. – dez. de 2010, pp. 703 – 728.

BRITTO, Clóvis Carvalho. **Mulheres a ferro e fogo: reflexões sobre a musealização do Cangaço**. Rio de Janeiro. 2016. Acesso: 18 de Maio de 2019. Disponível em: <WWW.scielo.br/pdf>.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **Maria Bonita – mulher macho, sim, senhor**. Salvador. 1983.

CUNHA, Maria de Fátima. **Mulher e historiografia: da visibilidade à diferença**. Londrina. Hist. Ensino, v. 6, p. 141 – 161, out. 2000. Acesso: 05 Outubro 2019. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewfile/12396/10864>

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1991.

FALCI, Miridan Knox. **Mulheres do sertão nordestino**. In: DEL PRIORI, Mary. História das mulheres no Brasil. 9. Ed. São Paulo. Contexto. 2010.

FANKA. **A mulher e o Cangaço**. Juazeiro do Norte. 1997.

LIMA, Caroline de Araújo. **Mulheres em movimento e sua invisibilidade: memória e o esquecimento das cangaceiras**. Bahia. 2016. Acesso: 18 de Maio 2019. Disponível em: <<https://portal.andes.org.br/im-pub-808739250>>.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2010.

NOGUEIRA, Aderbal Simões. **Sila Documentário**. Ceará. 2018. Acesso: 26 de Abril 2019. Disponível em: <<https://youtu.be/wxkha8jh8ry>>.

OLIVEIRA, Bismark Martins de. **O cangaceirismo no Nordeste**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal. 1988.

OLIVEIRA, Guerda Míria Torres de. **A presença da mulher no Cangaço**. Natal: S/e. 1996. Disponível em: <www.edufrn.ufrn.br/ditstream>.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres do Sul**. In: DEL PRIORI, Mary. História das mulheres no Brasil. 9. ed. São Paulo: Contexto. 2010.

PEDRO, Joana Maria; PEREIRA, Silvana Maria; VENSON, Ana maria Marcon. **Para além das áreas de conhecimento definidas: relações de gênero e interdisciplinaridade**. In: História de Gênero. CRESCÊNCIO, Cintia Lima; SILVA, Janine Gomes; BRISTOT, Lidia Schneider. (Orgs.). São Paulo: Verona, 2017.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos Dourados**. In: DEL PRIORI, Mary. História das mulheres no Brasil. 9. ed. São Paulo: Contexto. 2010.

PINTO, Teresa; ALVAREZ, Teresa. **Introdução: História, História das mulheres, História de gênero. Produção e transmissão do conhecimento histórico**. Exaquo. n. 30. Lisboa. Dez 2014. Acesso em: 08 de Junho 2019. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sciarttext&pid=s0874-55602014000200002>>.

RAGO, Margareth. **Gênero e História**. S/l. CNT.Compostela, 2012.

SANTOS, Gilvan de Melo. **Memórias de uma ex-cangaceira: a última entrevista de Maria Adília**. João Pessoa. Saeculum, Revista de História [17]; jul./dez. 2007, p. 141 – 151. Acesso em: 16 de Novembro de 2019. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article?download/11389/6503>>.

SILVA, Olímpio Oliveira e. **A mulher no Cangaço de Lampião**. Jussara /GO: S/e. 2010.

SOUZA, Ilda Ribeiro. **Sila, memórias de guerra e paz**. Recife: Imprensa Universitária, Universidade Federal Rural de Pernambuco. 1995.

SOUZA Jr., Geraldo Antônio de. **Moreno e Durvinha – Sangue, amor e fuga no Cangaço**. 2015. Acesso: 14 Junho de 2019. Disponível em: <<https://youtu.be/rqfvasgllpk>>.

TILLY, Louise A. **Gênero, História das Mulheres e História Social**. Traduzido: VIEIRA, Ricardo Augusto. São Paulo. Unicamp. Cadernos Pagu (3) 1994. pp. 29 – 62. Acesso em: 08 de Junho 2019. Disponível em: <<https://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51008>>.

TV Brasil. **Os últimos Cangaceiros**. Tvdoc – Animefull. 2016. Acesso: 13 Junho. Disponível em: <<https://youtu.be/ezk-rcnkg8>>.

VIANA, Lucas. NETO, Manoel. **Documentário: Feminino Cangaço**. Centro de Estudos Euclides da Cunha. Salvador /BA. 2016. Acesso: 26 de Abril 2019. Disponível em: <<https://youtu.be/wstcq7loeds>>.